

Jornalismo face à crise da verdade: incongruências entre desinformação e credibilidade jornalística¹

Hendryo ANDRÉ²

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR
Faculdade Ielusc, Joinville, SC

RESUMO

Busca-se estabelecer tensionamentos entre a ascensão do fenômeno da desinformação, cuja atenção da comunidade científica aumentou desde meados da década de 2010, e a noção de credibilidade jornalística. Por meio de uma discussão bibliográfica, procura-se compreender a desinformação como consequência de um regime de visibilidade que ganha contornos próprios a partir da digitalização da sociedade. Como resultado, avalia-se que a ascensão de um paradigma construcionista, fundamental para o campo de conhecimento, não pode renegar a existência parâmetros mínimos para a existência de uma realidade objetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; credibilidade; visibilidade; desinformação.

INTRODUÇÃO

Foco recente de atenção da comunidade científica internacional (Franciscato, 2023) e nacional (André; Xavier, 2023), a interface entre jornalismo e o fenômeno da desinformação parece ser consequência de mudanças significativas no regime de informação (Han, 2022). Regimes de informação costumam ser tensionados regularmente por demandas de visibilidade, isto é, pela pressão de atores e grupos sociais, do campo progressista ao conservador, na opinião pública para fazer validar suas pautas. A internet pareceu ser uma resposta viável, ao menos sob o ponto de vista técnico, a reivindicações existentes desde meados do século XX: o questionamento ao papel centralizador dos meios massivos, sobretudo, da televisão (Ribeiro, 2004).

O resultado mais visível dessa alteração nas formas de sociabilidade é o fenômeno da desinformação, rotulado, além da problemática noção de *fake news*, com várias outras nomenclaturas³. Entre elas, destacam-se: *desordem informacional* (Wardle; Derakhshan, 2017; Seibt, 2020), *infodemia* (Ferreira, 2020; Han, 2022; Massarani *et al.*,

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de pós-doutorado (PNPD/Capes) e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professor do curso de Jornalismo da Faculdade Ielusc. E-mail: hendryo.andre@gmail.com.

³ Excetuado o ensaio de Han (2022), todas as demais pesquisas citadas neste parágrafo foram objeto de uma revisão bibliográfica realizada no Portal de Periódicos da Capes que buscou fazer um mapeamento dos estudos que relacionam jornalismo e desinformação. Os dados completos podem ser acessados em André e Xavier (2023).

2021; Rezende; Cruz-Riascos; Ribeiro, 2021), *guerra* ou *crise informacional* (Thomé; Soares de Moraes; Campos, 2021), *crise sistêmica* (Saad, 2021) e *pós-verdade* (Alencar; Dourado, 2020; Bonsanto, 2021).

É prudente observar que a noção de verdade sempre sofreu questionamentos e que, nas discussões sobre epistemologia do jornalismo, encontra-se entre perspectivas realistas, que vão afirmar que há aspectos da realidade que são anteriores ao discurso, e construcionistas, que vão afirmar que toda a realidade é uma construção social (Galthier, 2015). Entretanto, ao menos desde o início das guerras culturais, na década de 1960, a ideia de relativismo, ancorada nas teorias construcionistas, se acentuou com uma nova esquerda “ansiosa para expor os preconceitos do pensamento ocidental, burguês e primordialmente masculino” (Kakutani, 2018, p. 17).

O ápice até agora desse fenômeno ocorreu com a internet, um meio que não somente prometeu democratizar o acesso e a distribuição de informação, como permitiu “que a ‘sabedoria das multidões’ tomasse o lugar do conhecimento legítimo, nublando perigosamente os limites entre fato e opinião, entre argumentação embasada e bravata especulativa” (Kakutani, 2018, p. 39).

Com base neste contexto, o presente texto, fruto de uma revisão bibliográfica, procura estabelecer tensionamentos entre a ascensão do fenômeno da desinformação e a noção de credibilidade jornalística.

DESINFORMAÇÃO: UM FENÔMENO ANTIGO EM ASCENSÃO

Em um artigo anterior (André; Xavier, 2023), procurou-se mapear os estudos sobre desinformação e jornalismo publicados em revistas indexadas pelo Portal de Periódicos da Capes. Na pesquisa, que reuniu 54 artigos, observou-se que o tema só passou a ter interesse científico no campo da Comunicação Social e do Jornalismo a partir de 2018. O argumento é corroborado por Franciscato (2023) que, por intermédio de um levantamento de 326 artigos no Google Acadêmico, constatou que a atenção ao tema desinformação da comunidade científica internacional cresceu entre 2017 e 2021.

Sabe-se que a disseminação de boatos por meio de publicações é antiga. As *folhas volantes*, “um dos principais dispositivos pré-jornalísticos do Renascimento, que, com maiores ou menores transformações, perduraram até ao século XIX” (Sousa, 2008, p. 58) são um exemplo. Outros são citados por Delmazo e Valente (2018), quando os

autores relembram dos pasquins (Itália, século XV), dos *canards* (França, século XVII) e do uso de falsos correspondentes estrangeiros (Alemanha, século XIX).

Desde meados dos anos 2010, porém, houve uma ampliação jamais vista nas possibilidades de disseminação de boatos, inclusive, produzidos por atores sociais que ocupam posições dentro de instituições fundamentais do projeto da modernidade, como a política, a ciência, a história e o jornalismo. No primeiro caso, a média diária de seis mentiras ditas pelo ex-presidente e atual candidato à presidência dos Estados Unidos, ao longo dos três primeiros meses de gestão, chama a atenção. Sem dúvidas existiu um período em que não houve filtragem dessas afirmações deliberadas – e isso, segundo a Kakutani (2018), custou caro. Um dos fatores conjunturais para a eleição de um mandatário de extrema-direita foi “uma publicidade espontânea estimada em 5 bilhões de dólares graças à cobertura dos veículos de imprensa obcecados com as visualizações e os cliques gerados pelo ex-astro de *reality show*” (Kakutani, 2018, p. 14).

Nesse sentido, mais que certo modismo temático aguçado por figuras repulsivas como os ex-presidentes dos Estados Unidos e do próprio Brasil, os estudos sobre desinformação são uma tentativa de compreender o que Wardle e Derakhshan (2017) classificam como *desordem informativa*. Segundo os autores, o fenômeno é organizado a partir de três formas específicas de desinformação: a) *misinformation*, quando uma mensagem é compartilhada sem a intenção de causar danos; b) *malinformation*, quando está ancorada na realidade objetiva, mas, em geral, é de foro íntimo e pode causar constrangimento a terceiros; c) *desinformation*, quando um conteúdo é fabricado e compartilhado exclusivamente com o objetivo de causar dano.

Se a pesquisa de Wardle e Derakhshan (2017) foi fundamental para complexificar a discussão sobre o que vinha sendo chamado de *fake news*, por outro lado, corroborou, por meio do conceito desordem informativa, uma ideia de que bastaria certo reordenamento informativo para que o sistema de comunicativo superasse os problemas criados e reforçados pelo fenômeno da desinformação.

Visto desse modo, bastaria ao jornalismo, uma atividade que sofre conjuntamente pelo contexto de desinformação, investir em formas de fazer prevalecer a verdade, como usualmente feito nas iniciativas neopositivistas de *fact-checking*, para servir como uma espécie de detentor ou arauto da verdade. Para Han (2022), está condenada qualquer “tentativa de, com a verdade, querer lutar contra a infodemia. *Esta é resistente à verdade*” (Han, 2022, p. 46, grifos adicionados), já que se vive um imperativo

histórico que transita – ou, no mínimo, tensiona – valores de uma sociedade disciplinar para uma sociedade do desempenho, conforme discutido em André e Xavier (2023).

VERDADE COMO MOTOR DA CREDIBILIDADE JORNALÍSTICA

O jornalismo é um dos produtores e dos produtos da modernidade. No primeiro caso, o estudo pioneiro de Peucer (2004), publicado originalmente em 1690, pela Universidade de Leipzig, já apontava algumas características sobre quem pleiteava autoridade discursiva para visibilizar assuntos tidos como relevantes. Ainda neste estudo, surge a vinculação entre relato e testemunho pautado na realidade, bem como as bases para a criação de um estatuto ético-deontológico que ancora os relatos jornalísticos a uma noção de realidade objetiva, pautada em fatos.

No segundo caso – o jornalismo como produto da modernidade –, ideias como democracia, liberalismo político, liberdade de pensamento e expressão e direitos humanos são tributárias e alimentadas – não sem problemas, aliás – via sistema de imprensa. Para Giddens (1991), o fundamento da modernidade só foi possível graças à construção de um princípio: *confiança*. Conforme o autor, esse dispositivo se instituiu a partir das *fichas simbólicas* (grosso modo, o sistema financeiro) e dos *sistemas peritos*, entendidos como um conjunto de dispositivos de “excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (Giddens, 1991, p. 35).

A noção de credibilidade funcionou, com períodos de alta e de baixa, por muito tempo como uma propulsora da confiança no jornalismo enquanto prática social moderna. A profissão, para Miguel (1999), era caracterizada como um sistema perito até o início da popularização da internet. A digitalização da sociedade pôs em xeque a legitimidade dessa prática social, seja pela falta de solução de questões antigas (como baixa pluralidade, autorreferencialidade e dependência do poder econômico) ou pelo surgimento de novos desafios, vinculados “à erosão dos critérios compartilhados de validação de discursos e à crescente dificuldade de estabelecer um chão comum para o debate público” (Miguel, 2022, p. 210).

Nesse sentido, a verdade, ao atrelar conhecimento e atualidade, foi reconhecida como um pressuposto do jornalismo na modernidade. Para Galthier (2015), é preciso trabalhar em prol de posição realista do jornalismo, ainda que tanto a noção de realidade

quanto de verdade tenham se tornado verdadeiros tabus nas discussões sobre a atividade devido à ideia de relativismo que performa as teorias construcionistas. Como defensor declarado da perspectiva do realismo, o autor considera credível alcançar a verdade.

1) Existe uma realidade independente do Jornalismo e é sobre esta realidade independente que trata, em última instância, o Jornalismo. É a partir desta realidade independente que provêm a construção jornalística. [...] 2) O Jornalismo consiste na produção de asserções verdadeiras sobre esta realidade independente. A atribuição de valor de verdade é atividade anterior à construção jornalística (Galthier, 2015, p. 208).

Ao atacar a ênfase demasiada no construtivismo presente nas teorias vinculadas a essa abordagem, o autor defende que “dizer que um enunciado usado para realizar um ato de fala assertivo é verdadeiro não significa dizer que ele é um espelho da realidade que representa” (Galthier, 2015, p. 210).

Independentemente do antagonismo entre realismo e construtivismo, Ekström e Westlund (2019) acreditam que em um contexto de relativismo, como o atual, a própria epistemologia do jornalismo deve ser repensada. Enquanto campo que reivindica para si a ideia de produtor de conhecimento legítimo, a atividade carrega consigo algumas práticas institucionais⁴ que nem sempre têm sido reconhecidas e aceitas pelo público. Se há um hiato entre os valores do jornalismo e da sociedade, a tentativa de estabelecer parâmetros mínimos do que seja uma verdade objetiva, tida como dada, parece ser um caminho mínimo para enfrentar o que tem sido chamado de *pós-verdade*.

Por fim, Shapiro (2014), ao frisar a indefinição das fronteiras do jornalismo desde a digitalização da sociedade, observa que as próprias democracias precisam de uma definição funcional de jornalismo, o que reforça o argumento anterior. Conforme o autor, “o jornalismo compreende as atividades envolvidas na busca independente de informações precisas sobre eventos atuais ou recentes e sua apresentação original para edificação do público”⁵ (Shapiro, 2014, p. 561). Seria preciso, portanto, a partir da ideia de que só se trata de jornalismo quando se apresenta algo original, investir esforços para

⁴ Resumidamente, segundo os autores, são quatro práticas de institucionalização da atividade: a) contexto de justificação, a forma como os jornalistas justificam as informações provenientes de determinadas fontes de informação; b) fontes, a processualidade para a escolha de uma fonte em detrimento a outras; c) tempo, o compromisso de entregar determinado acontecimento dentro de uma periodicidade específica; d) jornalismo de dados, que se vincula a aspectos epistemológicos novos para o jornalismo, à medida que as estatísticas produzidas por um grande conjunto de dados podem ser vistas como diferentes daquelas do jornalismo tradicional.

⁵ No original: “*Journalism comprises the activities involved in an independent pursuit of accurate information about current or recent events and its original presentation for public edification*”.

que o jornalismo se configure como uma forma proeminente e singular de visibilidade, algo que o diferenciaria de outras formas de comunicação na internet.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Além do jornalismo, ciência, história e democracia (por meio da política representativa) são algumas das instituições que mais têm sofrido com o advento das tecnologias digitais de comunicação e informação. A descrença na objetividade e, por conseguinte, na existência de uma realidade objetiva, perpassa, portanto, o campo do jornalismo e atinge, a partir da digitalização da sociedade, outras instituições basilares do que se convencionou a chamar de modernidade.

Nesse sentido, o presente texto, que integra a pesquisa buscou propor alguns tensionamentos entre a ascensão do fenômeno da desinformação e a noção de credibilidade jornalística. Ao avaliar o fenômeno da desinformação como consequência de um regime de visibilidade que ganha contornos próprios a partir da digitalização da sociedade, observa-se a necessidade de estabelecer alguns parâmetros mínimos para a existência de uma realidade objetiva sob a qual o jornalismo, enquanto forma de conhecimento, pode deter atenção. Nesse sentido, avalia-se que a ascensão de um paradigma construcionista, fundamental para o campo de conhecimento, mas imerso a um contexto de relativização da verdade iniciado ainda na década de 1960, não pode renegar a existência parâmetros mínimos para a existência de uma realidade objetiva.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, M. T.; DOURADO, J. L. Da pós-verdade a pós-imprensa: a crise do jornalismo na era da desinformação. **Cadernos Cajuína**, v. 5, n. 1, p. 88-101, 2020.

ANDRÉ, H.; XAVIER, C. Mapeamento de estudos sobre desinformação e jornalismo publicados em revistas indexadas pelo Portal de Periódicos da CAPES. **E-Compós**, Brasília, v. 26, 2023.

BONSANTO, A. Narrativas “historiográfico-midiáticas” na era da pós-verdade: um olhar sobre o revisionismo histórico para além das fake news. **Liinc em Revista**, v. 17, n. 1, p. e5631, 2021.

DELMAZO, C.; VALENTE, J. C. L. Fake news nas redes sociais on-line: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, Coimbra, v. 18, n. 32, p. 155-169, 2018.

DURHAN, M. G. On the Relevance of Standpoint Epistemology to the Practice of Journalism: The Case for “Strong objectivity”. **Communication Theory**, v. 8, n. 2, p. 117-140, may 1998.

EKSTRÖM, M.; WESTLUND, O. Epistemology and Journalism. In: **Oxford Encyclopedia of Journalism Studies**. London: Oxford University Press, 2019.

FERREIRA, G. B. Populismo e desinformação em tempos de COVID-19: um estudo empírico sobre redes sociais e infodemia. **Mediapolis: Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público**, n. 11, p. 11-26, 2020.

FRANCISCATO, C. E. Three scenarios in 25 years of journalism research (1997-2021). **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 19, n. 1, p. e1573, 2023.

GALTHIER, G. A verdade: visada obrigatória do jornalismo. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 204-215, jul-dez, 2015.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HAN, B.C. **Infocracia: digitalização e crise na democracia**. Petrópolis: Vozes, 2022.

KAKUTANI, M. **A morte da verdade: notas sobre a mentira na era Trump**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

MASSARANI, L. et al. Vacinas contra a COVID-19 e o combate à desinformação na cobertura da Folha de S.Paulo. **Fronteiras: Estudos Midiáticos**, v. 23, n. 2, p. 29-43, 2021.

MIGUEL, L. F. O jornalismo como “sistema perito”. **Tempo Social**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 197-208, 1999.

MIGUEL, L. F. O jornalismo no novo ambiente comunicacional: uma reavaliação da noção do “jornalismo como sistema perito”. **Tempo Social**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 195-216, 29 ago. 2022.

PEUCER, T. Os relatos jornalísticos. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 1, n. 2, 2004.

REZENDE, L. V. R.; CRUZ-RIASCOS, S. A.; RIBEIRO, G. M. C. Reflexões sobre as atuações do bibliotecário e jornalista como agentes facilitadores na construção de saberes no combate à desinformação. **Liinc em Revista**, v. 17, n. 1, p. e5701, 2021.

RIBEIRO, R. J. **O afeto autoritário: televisão, ética e democracia**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

SAAD, E. Reflexões sobre ontologias jornalísticas no contexto de desinformação e crises sistêmicas. **Fronteiras: Estudos Midiáticos**, v. 23, n. 2, p. 58-72, 2021.

SEIBT, T. Uma coletânea para alargar o olhar sobre a “nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade”. **RECIIS: revista eletrônica de comunicação, informação & inovação em saúde**, v. 14, n. 1, p. 261-267, 2020.

SHAPIRO, I. Why democracies need a Functional Definition of Journalism now more than ever. **Journalism Studies**, v. 15, n. 5, p. 555-565, 2014.

SOUSA, J. P. Uma história breve do jornalismo no Ocidente. **Biblioteca On-line de Ciência da Comunicação**, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3xGUfRJ>. Acesso em: 28 jun. 2024.

THOMÉ, C.; MORAIS, L. S; OLIVEIRA, A. C. C. Desafios e estratégias no combate à desinformação na Pandemia: análise da cobertura telejornalística do caso Epcar em Barbacena. **Mídia e Cotidiano**, v. 15, n. 3, p. 194-217, 2021.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. França: Council of Europe Report, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/39d58IO>. Acesso em: 18 jun. 2024.